

PADRE ALBERTO DA ROCHA MARTINS

PALAVRAS DE SAUDADE...



1960

1.134.3-5Martins,
AR



DONA MARIA AMÉLIA LUÍSA HELENA
DE ORLEANS E BRAGANÇA

PALAVRAS DE SAUDADE . . .

PALAVRAS DE SAUDADE

Tip. Vitória — Barcelos

PADRE ALBERTO DA ROCHA MARTINS

PALAVRAS DE SAUDADE...

Do N.º 100, com
muitas grandes alterações
1960
A. Rocha Martins
1960



OBRAS DO AUTOR:

Debruçado Sobre o Evangelho — 1953 (**Esgotado**)

O Problema do Homem e a Realidade Divina — 1954
(**Esgotado**)

Nossa Senhora da Franqueira — 1956

Um Sonho... Uma Vida... Uma Presença... — 1960

Palavras de Saudade... — 1960

Palavras de Saudade...

QUANDO correu a notícia da morte da Senhora Dona Amélia, Portugal cobriu-se de luto.

Havia um profundo sentimento de dor e de remorso que a consciência repungia perante um passado de tragédia.

Pediram-me algumas palavras sobre a figura excelsa da Rainha-Mártir.

Proferi-as em Vila do Conde, solicitado por alguns amigos. São palavras simples, ditas ao sabor da emoção, «Palavras de Saudade»... que aí ficam como flores murchas e sem perfume, mas que, apesar do tempo, sempre serão uma memória...

Publicam-se, agora, tal qual como foram ditas...

Têm o único valor de serem a expressão dum sentimento puro e o grito de quem acredita na grandeza da Pátria que os Reis de Portugal fizeram!

Barcelos, Setembro de 1960.

A Morte não consegue sepultar aqueles que foram grandes.

A morte não consegue lançar na valeta do esquecimento a Virtude.

A Morte não consegue obnubilar o fulgor da inteligência que pensou e do Coração que se gastou a praticar o Bem.

É destruidora a acção da Morte!

Mas quando ela encontra a Virtude e o Bem, em vez de destruir, eleva e sublima.

SENHORES:

Eu venho falar-vos da morte duma Mulher que foi grande entre todas as mulheres ;
venho falar-vos da morte duma Senhora que foi excelsa entre todas as senhoras ;
venho falar-vos da morte duma Rainha que foi grande entre todas as Rainhas.

Venho falar-vos desse acontecimento histórico e doloroso que enlutou Portugal e fez estremecer de comoção e sentimento o mundo civilizado ; venho recontar-vos aquele facto sinistro que alanceou os corações e

punziu a alma nacional, o facto do trânsito duma vida para a Vida, dum ente para o Ser, dum finito para o Infinito, dum temporal para a Eternidade ;

venho, senhores, de alma em luto, chorar convosco, em prece sentida de amor, de gratidão e de carinho, sob os restos mortais dessa Soberana de eleição que encheu do oiro fino das suas virtudes páginas imarcescíveis da História.

Venho, em espírito consciente de solidariedade, juntar as minhas às vossas preces, fundir nos vossos os meus anseios, misturar com as vossas as minhas lágrimas.

Venho falar-vos, sobretudo, da vida esmaltada de heroismos dessa extraordinária figura de Mulher, de Rainha e de Mãe.

O seu nome enche de luz serena a História contemporânea ; a sua vida de intenso e cristianíssimo apóstolo é uma mensagem de doçura e de esperança no meio deste mundo caliginoso ;

o seu exemplo de nobreza e de caridade é um símbolo de grandeza e de esperança a lucilar no firmamento escurentado do futuro.

Qual o seu nome ?

Digam-no as criancinhas de Portugal que Ela docemente acarinhou ;

proclamem-no os abandonados ao sofrimento e à miséria e que Ela ternamente amparou ;

gritem-no, aos quatro ventos, as Casas de Caridade, Institutos e Assistências que Ela fundou, patrocinou e amou ;

Qual o seu nome ?

Rezem-no o Coro dos Anjos do Céu, porque Ela lhes pertence :

DONA MARIA AMÉLIA LUIZA HELENA
DE ORLEANS E BRAGANÇA :

Em 28 de Setembro de 1865, no lugar de exílio de seus progenitores, na Inglaterra, nasceu a Rainha Dona Amélia, filha do Conde de Paris, Luís Filipe Alberto de Orleans e de sua mulher Isabel de Orleans.

Com seis anos de idade regressou à Pátria para, no Castelo de Eu, receber uma educação esmerada que havia de fazer d'Ela uma das mais premdadas senhoras da Europa.

Em 22 de Maio de 1886, na Igreja de S. Domingos, em Lisboa, unia, sob a bênção protectora de Deus, o seu destino glorioso de Rainha e de Mártir, à grandeza de Portugal, na pessoa de D. Carlos de Bragança.

Em 19 de Outubro de 1889, por morte de Sua Magestade El Rei D. Luís I, sobe ao Trono Lusíada a grande figura de Rei a que a História tem de fazer justiça e que se chamou D. Carlos I.

Por este facto emoldura a fronte encantadora da Rainha Dona Amélia a Coroa de Portugal.

Começa, agora, pelo menos aos olhos imparciaes da História, a grandiosa missão de Dona Amélia como Rainha de Portugal.

Não é, apenas, a conselheira prudente e escla-recida ;
não é, apenas, a colaboradora solícita e pronta ;

não é, apenas, a Rainha que se encorpora nos destinos duma Nação.

É muito mais do que isso.

É o sorriso que conforta, a palavra doce que anima, a coragem que se comunica, numa palavra, a Mártir da resignação e do sofrimento que se oferece.

Começa a página mais fulgurante da sua vida de Rainha.

Com uma primorosa educação e com uma esmerada formação religiosa compreendeu, verdadeiramente, toda a grandeza e todo o sentido da palavra Caridade.

Nesta virtude se consubstancia a santidade, nela a plenitude da Lei, no claro dizer de Jesus Cristo.

Pois, meus Senhores, o caminho percorrido por esta Mulher (e apraz-me classificá-la assim por melhor definir o seu heroísmo) está profusamente semeado das flores perfumadas da virtude e dos frutos gloriosos da caridade.

A Caridade resume a Sua vida e esplende, em revérberos, em clarões, na Sua fronte de Soberana.

Só a Caridade comete heroísmos, só ela produz obras capazes de resistirem ao tempo e à maldade.

E é dentro deste pensamento que se desenvolve toda a actividade verdadeiramente apostólica da Rainha Dona Amélia.

O seu olhar caridoso viu misérias sem conta, descobriu tormentos, percebeu fomes, sentiu desgrças, adivinhou martírios...

E o Seu coração magnânimo, vulcão incendiado de amor, não pôde, não quis ficar insensível a tanta dor.

A sua altíssima Inteligência percebeu que o mundo era feira longa de sofrimentos e de misérias.

Sim, meus Senhores, para qualquer lado que voltamos o nosso olhar depara-se-nos um panorama tingido de sangue e semeado de desgraças.

De todos os recantos da terra chegam até aos nossos ouvidos lamentos de desventura e gestos de desespero.

A Humanidade inteira, de todos os tempos e de todos os lugares, forma a enorme peregrinação dos famintos de Deus.

Há os que têm fome de pão... caídos na valeta dos caminhos da vida ao abandono, ou então, vivendo uma vida indigna de seres humanos.

Fome de agasalho... tiritando de frio e estendendo a mão emagrecida à caridade das almas generosas.

Fome de abrigo... e são tantos os que vagueiam na senda da vida tendo como leito a terra fria e como tecto o firmamento sempre escuro.

Todos estes contam com a caridade do próximo para lhes dar a esmola que mata a fome, que preserva do frio e que carinhosamente os abriga das intempéries.

Enquanto muitos passam insensíveis a estas dores, e até aqueles que tinham obrigação de socorrer a alheia miséria, a Grande Rainha Dona Amélia ia de encontro a todas as necessidades e a todas as precisões, sem vaidades, sem ostentação.

Nela tiveram os infelizes o pão que mata a fome e a caridade que agasalha do frio.

Há neste mundo e neste Portugal os que têm fome de justiça... perseguidos injustamente pelos caprichos ou pela maldade dos homens. Os atropelados pelo orgulho e pela insaciabilidade dos que tudo querem alcançar ainda mesmo que para isso seja necessário passar por sobre os direitos de seus irmãos.

Estes tiveram na Rainha Dona Amélia a companheira resignada e santa.

Ela, que sempre respeitou os direitos alheios, foi, tantas e tantas vezes, atropelada nos seus soberanos direitos de Mulher, de Rainha e de Mãe.

Ó sublime lição da caridade!

« Caridade que não conhece repugnâncias nem tem livro de contas correntes...

Coração que se abre para a condolência, boca que se abre para o conselho, mão que se abre para a esmola; coração que verte bálsamos, boca que verte ensinamentos, mão que verte socorros; coração que ameiga, boca que anima, mão que protege; coração que se vulcaniza num vesúvio de affectos, boca que se esbraseia numa cratera de benções, mão que se desfaz numa constelação de benefícios.

A Caridade é benigna como a brandura, meiga como a pomba, modesta como a violeta ».

E nisto, Senhores, se resume e se retrata a grande Rainha de Portugal.

Aquela Caridade que os olhos vêem afirmou-se na piedosa Assistência aos tuberculosos, nos Sanatórios, nos Dispensários, nos Institutos de Caridade.

Mas há um aspecto mais alto e mais nobre, mais precioso e mais sublime e é precisamente aquele que escapa às palavras e aos discursos para se recolher no silêncio dos corações que se ajoelham e agradecem.

É o muito, o incomparável bem que a Rainha espalhou junto de todos e especialmente daqueles que foram fustigados pelos ventos da desdita.

Os humildes e os pobres, os doentes e os perseguidos, os presos e os criminosos sentiram profundamente os benefícios da Rainha de Portugal.

Mas que não seja eu a dizê-lo nesta hora.

Que se levante do silêncio ou do túmulo a voz eloquente e assombrosa de todos os que Ela abençoou e protegeu.

Essa voz terá de ser o pregão do amoroso agradecimento.

*

Bastaria este divino apostolado da Rainha, verdadeira Rainha da Caridade, a breves traços esboçado, para A colocar, com toda a justiça, no trono altíssimo da nossa veneração. Mas, meus Senhores, há ainda facetas curiosas que a impõem à nossa mais grata consideração.

Era delicadíssima a Rainha e Senhora Dona Amélia. Espírito cintilante e culto, sensibilidade finíssima de artista dedicou horas vagas da sua vida ao culto da arte compondo uma formosíssima colecção de desenhos, aguarelas e esfuminhos cujo produto reverteria em favor da obra de assistência nacional aos Tuberculosos.

A arte aproxima de Deus como a caridade que à nossa volta difundimos.

Sua Magestade a Rainha fazia tudo de olhos postos em Deus e tendo como linha programática o seu aperfeiçoamento espiritual e o bem do próximo.

E, assim, protege os artistas para que não sintam penúria e protege soberanamente aquilo que representou sacrifício, estudo e amor à Pátria : os Monumentos... Sé Velha de Coimbra, Museu Machado de Castro, Museu dos Coches, Tábuas de S. Vicente, Instituto Ultramarino, Socorros a Náufragos...

Ainda neste capítulo temos de ser muito breves, por o tempo se não compadecer, e limitarmo-nos a apontar características do temperamento e do carácter de tão excelsa Senhora.

*

Apraz-me registar, nestas notas fugidias e imprecisas, um dos traços salientes da sua nobreza de Rainha.

Refiro-me ao seu heroísmo e ao seu martírio.

Em 1 de Fevereiro de 1908 a Rainha viu cair ao seu lado, banhado no próprio sangue, o seu Marido e, logo depois, o filho estremecido — Príncipe Luís Filipe. Lutando e defendendo-se com o ramo de flores que sua afilhada lhe havia oferecido a Rainha permanece de pé e corajosamente resiste às mais cruéis investidas da maldade.

É necessário ter-se a rigidez do bronze, a estatura dos heróis insignes, a prefulgência dos astros luminosos para encarar com firmeza este acontecimento de sangue!

Recrudesciam as paixões políticas, referviam os ódios, multiplicavam-se as dissídias. Apesar de tudo a Rainha permanece Senhora e Soberana!

Levantaram-se, em turbilhão, as tempestades, surgiram as cruezas lacerantes da afronta e do opróbrio, amontoaram-se as amarguras da ingratidão. Apesar de tudo a Soberana não desfalece e a Rainha perdoa!

Abstenho-me de mais comentários a esta horripilante cena de sangue que macula para todo o sempre a honra dum povo e prefiro convidar todas as Esposas e Mães a dizerem-nos, com suas lágrimas e pranto, todo o doloroso e martirizante significado desta tragédia lancinante.

*

O seu martírio continuar-se-ia em 4 de Outubro de 1910 quando a Ilustre Senhora teve de conhecer o caminho amargo do exílio.

Ali poderia chorar... odiar... vingar-se...

Ali poderia esquecer a terra e as gentes assassinas...

Mas não, meus Senhores, ali, no exílio amargo, Ela medita, sofre e ama.

Medita nos destinos de Portugal e sofre com as suas desventuras e com os seus desvairios políticos.

Ama, com enternecida caridade, a terra que lhe matou o Marido e o Filho estremecido e lhe deu a beber o licor amargo e estranho do exílio.

Senhora de altas virtudes, tão altas que soube amar entranhadamente aquilo que lhe sabia a fel e lhe recordava a sangrenta, cruel e injusta tragédia da sua Vida de Rainha.

SENHORES :

Hoje, entre pranto e lágrimas, entraram em Portugal, para repousar no Panteão de S. Vicente, os restos mortais da Veneranda Rainha.

Ela disse um dia: « Foi preciso ter sofrido tanto para que tanta gente me quisesse bem. Mulheres do povo, velhas como eu, que foram novas quando eu fui nova, trouxeram-me flores e lágrimas.

Quem sabe se algumas flores, na minha última viagem, que será para Portugal, elas voltarão a oferecer-me ».

Por isso Portugal inteiro, por determinação do seu Governo, presta neste dia a homenagem mais sentida à sua querida Rainha, cobrindo-a das flores da ternura, da gratidão e da saudade.

Repungidos de saudade e entrajados de luto os portugueses de hoje, de mãos postas e lábios em prece, ajoelham ante o Túmulo daquela que ficou de pé na História, e exoram ao Céu, a Coroa divina da Santidade para aquela que o povo já canonizou na Terra: Anjo da Caridade, Rainha Dona Amélia.

E todos nós, dominados pelo mesmo sentimento, pungidos pela mesma dor, e animados pela mesma esperança, num sentido clamor, pedimos a Deus o Eterno Descanso para a Excelsa Rainha de Portugal.

biblioteca
municipal
barcelos



48016

Palavras de saudade